



1910-2010

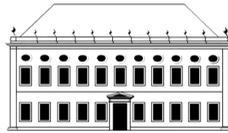
**COMUNICAÇÃO
E EDUCAÇÃO
EPUBLICANAS**

R

Ana Teresa Peixinho
Clara Almeida Santos

COORDENAÇÃO

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Email: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Carlos Costa

REVISÃO

Maria da Graça Pericão

ISBN

978-989-26-0106-9

OS EXILADOS REPUBLICANOS: OS GRANDES ESQUECIDOS

1. Entre a memória e o esquecimento: as razões da não presença.

*De tal forma a História tem andado ao sabor dos regimes que acabámos amnésicos*¹³³.

A História “oficial” é uma “guardiã” de memórias seleccionadas, transfiguradas numa memória única, “formatada” de acordo com as necessidades impostas pelo próprio tempo no qual está inserida a sua “construção”. Personagens e factos são “cristalizados” em versões que são incorporados como verdades históricas a serem aceites por toda uma sociedade. No entanto, já no dizer de Marc Bloch, a função do historiador é o questionar a história, buscando novas “memórias” que possam contribuir para este “refazer” da História e o dismantelar dos seus possíveis mitos¹³⁴.

A História das oposições aos regimes ditatoriais do século XX está marcada por mitos e reconstruções elaborados de ambas as partes envolvidas, opositores e regimes oficiais. O caso da Guerra Civil Espanhola assume a condição de um “clássico” exemplo desta antinomia com a historiografia pró-franquista, desqualificando por completo o papel exercido pelos republicanos, e os historiadores mais recentes recuperando a memória da República, do exílio e do combate de quatro décadas contra a ditadura de Franco¹³⁵. De igual forma, os estudos mais recentes acerca dos antifas-

¹³³ MÓNICA, Maria Filomena. “Biografia e Autobiografia”, in: Sousa, M. de (coord). *Toda a Memória do Mundo*. Lisboa: Esfera do Caos, 2007, p. 25.

¹³⁴ A questão é antiga e retomamos aqui os clássicos dos Anais, entre eles, BLOCH, Marc . *Introdução a História*, Lisboa: Presença, 1976.

¹³⁵ São inúmeros os trabalhos a respeito produzidos nas últimas duas décadas, um bom resumo é dado por Moradiellos, Enrique. *1936, os mitos de la guerra civil*. Barcelona: Quinteto, 2004.

cistas italianos, os “partigiani”, durante o período de Mussolini, e sobretudo, durante a Segunda Guerra, oferecem uma nova visão do fascismo e da sua “não unanimidade” na sociedade italiana¹³⁶.

No caso português, as análises da trajectória da oposição já possuem um lugar na historiografia¹³⁷, mas muito deve ser feito em termos da história dos diversos núcleos oposicionistas espalhados pelas Américas e Europa. Entretanto, este tipo de investigação, envolvendo por vezes relatos na primeira pessoa, requer um cuidado especial e oferece algumas surpresas. Relatos únicos entre diferentes membros de um partido, que até mesmo viveram em espaço e tempo diferenciados, no caso especial do Partido Comunista, oferecem uma visão não muito esclarecedora quando “presa” ao relato oficialmente aceite pela cúpula do PC. De igual forma, a narrativa sobre os grandes personagens, como os casos de Galvão e Delgado, feita pelos seus seguidores, pode ter uma certa uniformidade, apesar de que o contraste entre as versões de ambos os grupos é de uma riqueza ímpar para a compreensão da dicotomia interna da oposição.

Assim sendo, a investigação da temática revela “novas memórias”, esquecidas em documentos perdidos em arquivos pessoais, ou ainda, silenciadas pelo esquecimento oficial da historiografia dos seus possuidores. A pesquisa com o Grupo dos Budas exilado no Brasil, Jaime de Moraes, Moura Pinto e Jaime Cortesão, traça um universo novo de memórias e personagens até então desconhecidos, mas “famosos” entre aqueles que os conheceram na condição de exilados. Há uma verdadeira “memória” da oposição construída pelos elementos vinculados aos Budas e aos demais republicanos emigrados ou exilados no Brasil, contemplando factos e nomes até então completamente desconhecidos pela historiografia oficial. Comerciantes, no caso de Dores Gonçalves, livreiros e tipógrafos, como Teófilo Carinhas, empresários, como José Augusto Prestes ou Ricardo Seabra, formam uma plêiade de nomes sempre presentes nas manifestações contra o regime imposto pela ditadura militar e pelo

¹³⁶ Ver, entre outros, CAPPELLANO, Filippo; ORLANDO, Salvatore, *L'Esercito italiano dall'armistizio alla Guerra di Liberazione*, Roma: Ufficio Storico dello Stato Maggiore dell'Esercito, 2005. DI CAPUA, Giovanni, *Resistenzialismo versus Resistenza*, Roma: Rubbettino, 2005.

¹³⁷ Ver entre outros PAULO, Heloisa. *Uma memória dos opositores sobre o regime e a oposição in: TORGAL, L. e PAULO, Heloisa (org.). Estados Autoritários e Totalitários e as suas representações*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2008, p. 377 e seguintes.

Estado Novo nos anos trinta e quarenta. Na sua grande maioria, pelo conteúdo da correspondência trocada ou artigos publicados, demonstram um nível de cultura acima da média em relação ao emigrante comum, para além de que o seu passado político aponta as fortes convicções republicanas trazidas do país natal. O objectivo do presente trabalho é recuperar uma pequena parcela desta “memória” esquecida, colocando no debate da historiografia uma nova possibilidade de estudos biográficos que possam revelar a composição dos oposicionistas radicados no exterior.

2. Histórias de vida: a trajectória de alguns opositores no exílio.

*Republicanos portugueses confiam espírito justiça e humanidade Sociedade Nações negará meios existência ditadura Portugal revogou Constituição República mantém verdadeiro exército ocupação arruína tesouro. Pesadíssimos impostos violência inquisitoriais consecutivas deportações milhares republicanos climas insalubres África espalham miséria luto Portugal*¹³⁸

Com o advento da ditadura militar e a repressão das tentativas revolucionárias do chamado “Revivalho”, muitos são os republicanos que buscam exílio no estrangeiro sem, contudo, deixar de lado o combate e a militância política. Em países como Espanha, durante o período republicano, França e Brasil, nomes como Alberto Moura Pinto, Jaime de Morais e Jaime Cortesão vão juntar as suas vozes de protesto ao coral de vozes republicanas já exiladas, como João Sarmento Pimentel¹³⁹. Na historiografia portuguesa são poucos os estudos sobre estes personagens, no entanto outras figuras são completamente desconhecidas pelos estudos da longa e controversa história da oposição anti-salazarista. Nomes como José Augusto Prestes, emigrado político do 31 de Janeiro, Francisco Oliveira Pio, combatente em Espanha e exilado no Brasil, assim como uma pequena pléiade de republicanos exilados naquele país, foram responsáveis pela continuidade do combate em prol dos ideais democráticos durante mais de quatro décadas.

¹³⁸ Pela Liga Republicanos Portugueses, Ferreira Granada, Setembro de 1928. Arquivo Sarmento Pimentel. Mirandela.

¹³⁹ Sobre o tema ver, entre outros, PAULO, Heloisa. **O exílio português no Brasil: Os ‘Budás’ e a oposição antisalazarista.** *Portuguese Migrations in Comparison: Historical Patterns and Transnational Communities*. *Portuguese Studies Review*, Trent University, 2010.

As manifestações republicanas no Brasil são iniciadas antes de 1910 através dos Grêmios e demais associações de fundo assistencialista ou culturais que espelham na sua denominação o espírito da República sonhada ou já concretizada e apoiada ao longe pelos seus defensores, como o Grémio Republicano do Rio de Janeiro, fundado em 1908. Participam desta associação, fruto de uma outra fundada em 1907, o “Grupo Pró-Pátria”¹⁴⁰, republicanos que permanecem na posição de combatentes opositoristas como José Augusto Prestes, ou militantes da República que se rendem ao Estado Novo de Salazar, como Luís Gonzaga Fonseca Moreira. Trajectórias biográficas que espelham a “opção política” de muitos republicanos durante a vigência da ditadura militar e do Estado Novo. Alguns exemplos ilustram a afirmativa:

1. José Augusto Prestes

Natural de Lisboa, filho de uma família abastada e monárquica, logo revela a sua opção pelo republicanismo, o que leva o pai a mandá-lo para os Estados Unidos com o objectivo de completar os seus estudos. Formado em engenharia mecânica, retorna a Portugal e participa no 31 de Janeiro. O fracasso do movimento leva-o para o Brasil, onde participa de diversos empreendimentos, sendo responsável por múltiplas obras públicas como a edificação do Palácio do Governo de Manaus, em 1900. Está ligado à criação do Grémio Republicano, retornando a Portugal após a implantação da República. Com o governo de Sidónio Pais regressa ao Brasil. Em 1922, torna-se membro da Comissão do Centenário da Independência que recebe António José de Almeida e a sua comitiva. O seu ideal republicano está reflectido na sua postura como empresário, sendo responsável pela implantação da primeira siderúrgica da América Latina, a Usina Santa Luzia, e como director do Clube de Regatas Vasco da Gama, recusando acatar uma directriz da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos do Rio de Janeiro que, em 1924, proíbe a inclusão de negros nas equipas de futebol¹⁴¹. Falece no Rio de Janeiro a 7 de Julho de 1952.

¹⁴⁰ O Grupo Pró-Pátria é fundado aquando da passagem de António Luís Gomes, então membro do Directório do Partido Republicano Português pelo Rio de Janeiro. **Por Portugal. Pela República.** *Boletim Revista do Grémio Republicano Português*. Rio de Janeiro, 19 de Maio de 1931, p. 3.

¹⁴¹ Ver SANTOS, Ricardo Pinto dos. Uma breve História Social do Esporte no Rio de Janeiro, in: Silva, Francisco Teixeira, Santos, Ricardo Pinto e Agostino, Gilberto et alii. *Memória Social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006, p.49-50.

2. Luís Gonzaga Fonseca Moreira

Natural de Felgueiras e formado em Direito pela Universidade de Coimbra, emigra para o Brasil por influência do tio António José da Fonseca Moreira, também ele republicano. É também um dos fundadores do Grupo Pró-Pátria e do Grémio Republicano. Com o 5 de Outubro regressa a Portugal, sendo eleito deputado pelo Partido Republicano Português, em 1925, representando aquele concelho¹⁴². Com o 28 de Maio, segue novamente para o Brasil e é um dos signatários do Manifesto da Liga dos Republicanos Portugueses, enviado para Portugal¹⁴³. Na correspondência com Sarmento Pimentel, critica a actuação de José Augusto Prestes no Grémio, reclamando uma postura mais agressiva¹⁴⁴. No entanto, aceita a amnistia proposta em 1930, voltando a Portugal, onde torna a exercer cargos políticos.

3. Ricardo Seabra de Moura

Nasce em Avelãs do Caminho, concelho de Anadia, em 1892, emigrando para o Brasil para ser sócio do seu tio, António Ribeiro Seabra, também republicano. Após a morte deste, Ricardo e o irmão Gervásio tornam-se responsáveis pela firma Seabra e Companhia, voltada para o comércio de tecidos. Ambos são nomes destacados no movimento oposicionista, sendo Ricardo um dos seus maiores patrocinadores, chegando a ter uma ficha na PIDE pelas actividades desenvolvidas no Brasil. Participa do Grémio Republicano e patrocina diversas acções oposicionistas, desde o envio de verbas para a campanha de Norton de Matos até o financiamento da ida de elementos oposicionistas para Portugal. É amigo próximo de Alberto Moura Pinto, Jaime de Moraes e Jaime Cortesão, sendo famosas as reuniões ocorridas na sua casa em Santa Teresa, bairro nobre do Rio de Janeiro¹⁴⁵. Falece na década de 70, depois do 25 de Abril.

¹⁴² Sobre o tema ver QUEIRÓS, António José . *As eleições legislativas de 1925 no Concelho de Amarante*, in: *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, UP, 2003, 1ª Série, v.2.

¹⁴³ Sobre o tema ver PAULO, Heloisa. *“Aqui também é Portugal”*. *A colónia portuguesa no Brasil e o Salazarismo*. Coimbra; Minerva, 2000.

¹⁴⁴ Carta de Luís Gonzaga a Sarmento Pimentel, datada de 20 de Setembro de 1928, Arquivo Sarmento Pimentel, Biblioteca Municipal Sarmento Pimentel, Mirandela.

¹⁴⁵ Pimentel, João Sarmento. *Portugueses emigrados políticos no Brasil* in : *Seara Nova*. Lisboa, 1952, (n.º 1266-69).

4. Pedro Pinto de Miranda

Há poucos dados a respeito deste republicano, salvo a sua menção no Boletim do Grémio Republicano, como um dos seus fundadores, e a sua inscrição na Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, como seu sócio de número 147. Comerciante radicado no Rio de Janeiro, o seu nome consta de todas as manifestações levadas a cabo pelos opositores ao regime ditatorial em Portugal, desde 1926 até às listas de adesão aos jantares comemorativos do 5 de Outubro da década de 40. Segundo o depoimento de alguns exilados no Brasil nos anos sessenta, Pedro Pinto de Miranda possuía uma farmácia na baixa do Rio de Janeiro, local de encontro da oposição anti-salazarista ali radicada¹⁴⁶.

5. António de Sousa Amorim

Nasce em Ponte de Lima, Paredes de Coura, em 1882, emigrando para o Brasil após o 28 de Maio. No Rio de Janeiro, dedica-se ao comércio de tecidos, fazendo parte da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria. Republicano, é um dos fundadores da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, sendo o redactor do seu “Boletim”, publicado entre 1932 e 1938, naquela cidade. Para além da sua ligação ao Grémio Republicano, está vinculado ao Centro Republicano Dr. Afonso Costa, fundado em 1919. É o redactor do Boletim da Sociedade. É amigo próximo de exilados, como Jaime de Morais, Alberto Moura Pinto e Jaime Cortesão, sendo um dos correspondentes assíduos de João Sarmento Pimentel. Nas décadas de cinquenta e sessenta, convive intimamente com nomes como Castro Soromenho e outros intelectuais exilados no Brasil. Nas cartas trocadas com Pimentel há sempre observações em relação aos artigos da *Seara Nova* e à literatura portuguesa em geral. Falece no Brasil, já depois do 25 de Abril, em Junho de 1977.

6. Alamiro Andrade

Natural de Cantanhede, comerciante, republicano, radicado no Rio de Janeiro, acompanha o movimento oposicionista durante todo o período ditatorial. Participa

¹⁴⁶ Depoimento de Manuel Pedroso Marques, participante da Revolta de Beja e exilado nos anos 60 no Rio de Janeiro, corroborado pelo de Jaime Conde, que busca exílio no Brasil após a sua participação na Revolta da Sé.

do Grémio Republicano, do Centro Republicano Dr. Afonso Costa e o seu nome aparece em manifestos da oposição durante todo o período mencionado. Correspondente de Sarmiento Pimentel, é um grande crítico da realidade portuguesa pós 25 de Abril.

7. José Gonçalves Paratudo

O seu nome está vinculado aos mais diversos grupos republicanos, como o Grupo dos Lusitanos Intransigentes de São Paulo, do início do século XX, ou o Grémio Republicano Português daquela mesma cidade. Escreve para jornais republicanos da colónia, como o *Portugal Republicano*, adoptando o pseudónimo de GÊPE¹⁴⁷. O seu nome desaparece das manifestações oposicionistas na década de 40.

8. Francisco Dores Gonçalves

Algarvio, começa a sua trajectória na emigração como funcionário da Tipografia Villas-Boas, director do Centro Algarvio e membro do Grémio Republicano Português no Rio de Janeiro dos anos vinte. Figura activa do movimento republicano português naquela cidade, é o contacto do Grupo dos Budas no Brasil, que conheciam o seu irmão, Manuel Gonçalves, militante da oposição morto pela repressão salazarista¹⁴⁸. É ele que acolhe os filhos de Jaime de Morais quando chegam ao Brasil, em 1940. Morre no dia 13 de Setembro de 1965.

9. António Dias Leite

Natural do Porto, em 1870, emigra para o Brasil dois anos após a sua participação no 31 de Janeiro, em 1893. Ali, na cidade do Rio de Janeiro, torna-se sócio de uma grande firma comercial, continuando a ser um combatente dos ideais republicanos até à década de 30. É membro fundador do Grémio Republicano, mas, a partir da criação da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, o seu nome

¹⁴⁷ Em diversos números do periódico *Portugal Republicano* temos artigos assinados por Gonçalves Paratudo, GÊPE, ver *Portugal Republicano*, Ano 1.

¹⁴⁸ Informação dada por Óscar de Morais ao pai Jaime de Morais, em carta datada de 1940. Arquivo Jaime de Morais, Fundação Mário Soares.

deixa de aparecer em manifestos oposicionistas. Falece em 1952, na cidade do Rio de Janeiro¹⁴⁹.

90

10. Ilídio Nunes

Nascido no Minho, é jornalista em Portugal, tendo o seu nome ligado a diversos jornais, como o *Jornal de Notícias*, *A Tarde*, do Porto, e *A Província*. Como republicano, já no Rio de Janeiro, está ligado ao Centro Republicano Dr. Afonso Costa, órgão da oposição. Como regionalista é director da Casa do Minho, no Rio de Janeiro.

11. José de Araújo Lage

Pouco sabemos acerca deste personagem cujo nome é uma constante nas listas da oposição. Membro do Grémio Republicano Português do Rio de Janeiro, também faz parte do Centro Republicano Dr. Afonso Costa e o seu nome está sempre presente nas manifestações

12. Eugénio Martins

Natural da Guarda, jornalista, emigra para o Brasil no início do século XX. Na cidade do Rio de Janeiro, em 1918, funda o *Jornal Português*, periódico dedicado à colónia portuguesa. Republicano, filiado no Grémio Republicano, participa da directoria de um outro centro congénere, o Centro Republicano Português Dr. Afonso Costa, sendo ainda responsável pela publicação do periódico *Portugal Republicano* na década de 30.

13. Teófilo Carinhas

Tipógrafo, dono de uma gráfica que leva o seu nome, é activo republicano até à década de quarenta, quando o seu nome desaparece das publicações e manifestos oposicionistas. É o responsável pelo *Álbum da Colónia Portuguesa do Brasil* que, em

¹⁴⁹ Sobre o tema ver: LOBO, Eulália Maria Lahmeyer e MAIA, Laura Lahmeyer . *Cartas de Antônio Dias Leite (1870-1952)*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 2005.

1929, reúne um historial das principais associações de emigrantes portugueses naquele país.

3. A necessidade da retomada das Biografias para a História da Oposição.

Que são estes indivíduos prestigiosos, as ‘personagens históricas’? São, dissemo-lo recentemente, ‘os autores responsáveis de uma grande obra histórica’. Mas o que é uma grande obra histórica? Um conjunto de factos recolhidos, agrupados, organizados pelos historiadores, de tal forma que constituem um anel de uma dessas grandes cadeias de factos homogéneos e distintos (políticos, económicos, religiosos etc.)\cuja rede, mais ou menos apertada, lançamos sobre o passado histórico da humanidade. Somos nós que, sem cessar, forjamos e voltamos a forjar estas cadeias, na nossa necessidade de organizar o passado[...]¹⁵⁰

O trabalho de recuperação da trajectória de vida dos exilados ou emigrantes políticos é complexo e, por vezes, não muito produtivo. As fugas e a não fixação de raízes, sempre à espera do retorno para a terra natal, leva à dispersão de arquivos ou ao seu desaparecimento. As associações políticas, mantidas graças ao esforço de grupos obstinados em não deixar morrer os seus ideais, acabam por desaparecer ante a pressão da legislação dos países de acolhimento¹⁵¹ ou findam com o desaparecimento físico dos seus membros, condenando os seus arquivos a igual fim¹⁵².

Reconstruir cada biografia é um trabalho que envolve dados dispersos em jornais, revistas e, por vezes, recuperar informações a que poderíamos chamar uma certa “tradição oral” dos exilados e emigrados políticos residentes no estrangeiro. Trata-se de escrever ou “reescrever” histórias de vida relegadas ao esquecimento, descartando ou reconsiderando o mito que, por vezes, as cercam ou se sobrepõem ao papel que desempenharam.

¹⁵⁰ FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1977, v. II, p.144.

¹⁵¹ A legislação do Brasil nos anos trinta proíbe as associações políticas mantidas por estrangeiros (sobre o tema ver PAULO, Heloisa, (2000).

¹⁵² O arquivo do Grémio Republicano do Rio de Janeiro, em posse da família de José Augusto Prestes, teria desaparecido após uma disputa entre os seus herdeiros. Depoimento do neto, Dr. Prestes Soares Macedo à autora.

Na verdade, este tipo de abordagem desencadeia um questionamento acerca dos “heróis” já consagrados pela história oficial. O aparecimento destes “novos personagens” redimensiona o papel que lhes é atribuído, levando até à cena histórica actores até então desconhecidos. Assim sendo, estas personalidades, ainda que detenham um papel secundário, devem ser consideradas como parte de toda uma cadeia de actos e relacionamentos marcantes para a história da oposição aos regimes ditatoriais em Portugal.

(Página deixada propositadamente em branco)



eBOOK

Série Documentos

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2011

